



MANUAL PARA ENFERMEIROS DE PSICOPATAS: 1932-1935

MANUAL FOR NURSES CARING FOR PSYCHOPATHS: 1932-1935

MANUAL PARA ENFERMEROS DE PSICÓPATAS: 1932-1935

Johnny Lima Brandão¹

Vitor Gomes de Faria¹

Tais Veronica Cardoso Vernaglia¹

Francisco Javier Castro Mollina²

Claudia Labriola¹

Fernando Porto¹

ORCID: 0000-0003-4039-8079

ORCID: 0009-0009-6350-6782

ORCID: 0000-0003-3391-7301

ORCID: 0000-0001-6068-9178

ORCID: 0000-0002-8418-8359

ORCID: 0000-0002-2880-724X

¹ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Universidad de La Laguna (ULL), Escuela de Enfermería Nuestra Señora de Candelaria. Santa Cruz de Tenerife, Tenerife, España.

Como citar: Brandão JL, Faria VG, Vernaglia TVC, Castro Mollina FJ, Labriola C, Porto F. Manual for nurses caring for psychopaths: 1932-1935. Online Braz J Nurs. 2026;25(1):e20267032. <https://doi.org/10.17665/1676-4285.20267032>

RESUMO

Objetivo: Analisar o conteúdo do *Manual para Enfermeiros de Psicopatas*, com ênfase no papel dos profissionais de enfermagem como agentes estratégicos para a consolidação dos médicos no campo da psiquiatria, em prol da higiene mental e da eugenia. **Método:** Estudo de análise documental sob a abordagem da micro-história, tendo como fonte o *Manual para Enfermeiros de Psicopatas*. **Resultados:** A obra é composta por nove capítulos de autoria única, escritos por oito médicos (88,8%) e uma médica (11,2%). Os conteúdos abrangeram temas como neuroses, toxicomanias, semiologia, cirurgia e ginecologia. O Manual prescreve condutas técnicas e comportamentais para os enfermeiros, alinhando-se à materialização de um projeto social higienista e eugenista. A obra evidencia a instrumentalização da enfermagem como braço operacional da psiquiatria, em um contexto de disputas entre modelos formativos e de definição de perfis de cuidado. **Conclusão:** A publicação fracionada em artigos demarcou os porta-vozes da assistência psiquiátrica no Brasil e apontou a enfermagem como agente estratégico para o estabelecimento médico no campo psiquiátrico nacional.

Descritores: Psiquiatria; História da Enfermagem; Transtornos Mentais; Enfermagem; Manuais como Assunto.

ABSTRACT

Objective: To analyze the content of the work, with emphasis on nursing professionals as strategic agents for physicians to establish themselves in the field of psychiatry, in support of mental hygiene and eugenics. **Method:** Documentary analysis of the *Manual for Nurses Caring for Psychopaths*, based on a microhistorical approach. **Results:** Nine chapters were written by individual authors, including eight male physicians (88.8%) and one female physician (11.2%). The content addressed neuroses, drug addiction, semiology, surgery, and gynecology, among other topics. The *Manual* prescribed technical and behavioral practices for nurses, aligning with the implementation of a hygienist and eugenicist social project. The work demonstrates the instrumentalization of nursing as the operational arm of psychiatry, within a context of disputes between training models and the definition of care profiles. **Conclusion:** The publication, through several articles, established the spokespersons for psychiatric care in Brazil and identified nursing as a strategic agent in the establishment of the medical profession within the Brazilian psychiatric field.

Descriptors: Psychiatry; History of Nursing; Mental Disorders; Nursing; Manuals as Topic.

RESUMEN

Objetivo: Analizar el contenido de la obra con énfasis en los profesionales de enfermería como agentes estratégicos para la consolidación de los médicos en el campo de la psiquiatría, en favor de la higiene mental y la eugenesia. **Método:** Análisis documental del *Manual para Enfermeros de Psicópatas*, bajo el enfoque de la microhistoria. **Resultados:** Nueve capítulos de autoría única, redactados por ocho médicos hombres (88,8 %) y una médica mujer (11,2 %). Los contenidos abarcaron neurosis, toxicomanías, semiología, cirugía y ginecología, entre otros. El Manual prescribe conductas técnicas y comportamentales para los enfermeros, alineándose con la materialización de un proyecto social higienista y eugenésico. La obra evidencia la instrumentalización de la enfermería como brazo operacional de la psiquiatría, en un contexto de disputas entre modelos formativos y de definición de perfiles de cuidado. **Conclusión:** La publicación fragmentada en varios artículos delimitó a los portavoces de la atención psiquiátrica en Brasil y señaló a la enfermería como un agente estratégico para el establecimiento médico en el campo psiquiátrico brasileño.

Descriptores: Psiquiatría; Historia de la Enfermería; Trastornos Mentales; Enfermería; Manuales como Asunto.

Editores:

Rosimere Ferreira Santana (ORCID: 0000-0002-4593-3715)
Geilsa Soraia Cavalcanti Valente (ORCID: 0000-0003-4488-4912)
Gicelle Galvan Machineski (ORCID: 0000-0002-8084-921X)

Editora:

Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa – UFF
Rua Dr. Celestino, 74 – Centro, CEP: 24020-091 – Niterói, RJ, Brasil
E-mail da revista: objn.cme@id.uff.br

Autor Correspondente:

Johnny Lima Brandão
E-mail: johnnylimab.jlb@gmail.com

O que já se sabe:

- As doenças mentais eram compreendidas como ameaças à sociedade;
- A higiene mental e a eugenia ascenderam como braço operacional da teoria da degenerescência;
- A Liga Brasileira de Higiene Mental desempenhou papel relevante no contexto da psiquiatria brasileira na primeira metade do século XX.

O que este artigo acrescenta:

- Os capítulos descritos buscavam na enfermagem um meio estratégico para o fortalecimento da psiquiatria, sob a lógica da higiene mental e da eugenia;
- O Manual inculcava comportamentos socioculturais que reconfiguraram o cuidado prestado nas instituições asilares, como hospícios e manicômios;
- A análise do Manual revela disputas profissionais entre modelos formativos e a definição do perfil do enfermeiro para a assistência psiquiátrica.

INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX, a psiquiatria sofria forte influência da teoria da degenerescência de Bénédict Augustin Morel, segundo a qual as doenças mentais seriam transmitidas entre as gerações, provocando a degradação progressiva da espécie⁽¹⁾. Essa concepção, articulada aos ideais eugenistas do início do século XX, fez com que os transtornos mentais fossem compreendidos como ameaças à sociedade e à suposta pureza racial, justificando a adoção de políticas sociais de controle e prevenção⁽²⁻³⁾.

A partir do preceito de que era necessário prevenir o desenvolvimento de possíveis degenerações, a higiene mental ganhou impulso, motivada pela publicação da obra de Clifford Beers (1908). Essa corrente visava estabelecer formas de tratar e prevenir as doenças e os doentes da mente — à época denominados, respectivamente, psicopatas e psicopatias, termos derivados dos radicais gregos *psyché* e *pathos*. Esse movimento ressoou na elite intelectual brasileira, encontrando forte aderência à teoria da degenerescência⁽⁴⁾.

Sob essa perspectiva, o médico Gustavo Kohler Riedel fundou a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), no Rio de Janeiro (1922), a qual foi reconhecida como de utilidade pública pelo Governo Federal no ano seguinte, mediante o Decreto n.º 4.778/1923⁽⁵⁾.

Em 1928, a Liga reconfigurou seu estatuto, definindo sua administração por presidência, vice-presidência, secretaria e conselho executivo. Os cargos eram rotativos a cada quatro anos e podiam ser ocupados por representantes de estabelecimentos, instituições e cidadãos maiores de 18 anos, sem distinção de gênero⁽⁶⁾.

A estrutura de publicações da entidade era composta pelas seguintes seções: dispensários e assistência social; assistência hospitalar aos psicopatas; legislação social; medicina legal e prevenção da delinquência; educação e trabalho profissional; ensino e vulgarização da neuropsiquiatria; higiene militar; propaganda e publicidade; puericultura e higiene infantil; medicina em suas relações com o sistema nervoso; cirurgia em suas relações com o sistema nervoso; e psicologia aplicada e psicanálise⁽⁶⁾.

Em 15 de abril de 1929⁽⁷⁾, o médico Ernani Lopes — diretor da Liga e docente da disciplina de Técnica Terapêutica na Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto — apontou a necessidade de elaborar um manual em língua portuguesa direcionado aos enfermeiros de psicopatas, visto que as obras existentes se encontravam em idiomas estrangeiros e demandavam tradução. Sua proposta recebeu a adesão de Pedro Pernambuco Filho, Mário Pinheiro e

José Leme Lopes, os quais sugeriram a elaboração de uma obra própria da Liga.

Dessa forma, entre 1932 e 1935, Leme Lopes e José Valente Collares Moreira⁽⁷⁾ organizaram os capítulos publicados nos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental (ABHM) sob o título *Manual para Enfermeiros de Psicopatas*, com o intuito de instruir os enfermeiros atuantes em hospícios, manicômios e instituições congêneres.

Apesar da reconhecida importância da LBHM para a psiquiatria brasileira e para a difusão da higiene mental, observa-se uma lacuna historiográfica referente aos manuais produzidos por essa instituição para a formação em enfermagem. Especificamente, o *Manual para Enfermeiros de Psicopatas* permanece pouco explorado como fonte histórica capaz de revelar prescrições técnicas, relações de poder e o projeto social higienista e eugenista que orientava a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX. A análise desse documento permite compreender a forma como os enfermeiros foram instrumentalizados como agentes estratégicos para consolidar a psiquiatria enquanto campo de saber e de poder.

Para tanto, adotou-se como primeira operação de redução de escala do estudo⁽⁸⁾ a seguinte questão norteadora: "Como o conteúdo do *Manual para Enfermeiros de Psicopatas*, da Liga Brasileira de Higiene Mental, articulava os saberes psiquiátricos, as prescrições técnicas e o projeto eugenista voltados aos profissionais de enfermagem?".

Diante do exposto, este estudo tem como objeto de análise o *Manual para Enfermeiros de Psicopatas* e como objetivo analisar o conteúdo dessa obra, com ênfase no papel dos profissionais de enfermagem como agentes estratégicos para a consolidação dos médicos no campo da psiquiatria, em prol da higiene mental e da eugenia.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de análise documental inserida no domínio da história das instituições e da história cultural, pautada na abordagem da micro-história. Tal referencial é empregado quando o objeto pertence a um contexto sociocultural específico, de modo que a redução da escala amplia a capacidade analítica sobre o fenômeno⁽⁹⁾. Privilegiam-se, assim, o detalhe, o indício e a reconstituição de relações em escala reduzida, sem excluir a análise de objetos coletivos ou institucionais.

Os documentos históricos analisados constituíram-se dos exemplares do periódico da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) destinados à veiculação do *Manual*

para *Enfermeiros de Psicopatas*. A busca documental foi realizada na Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil, no acervo digital do Grupo de Estudos e Pesquisas Higiene Mental e Eugenia da Universidade Estadual de Maringá e na Biblioteca Alexandre Passos, vinculada ao Centro de Documentação e Memória do Instituto Municipal Nise da Silveira.

Adotaram-se como critérios de inclusão os capítulos destinados à composição do *Manual*; e como critérios de exclusão, anúncios publicitários e conteúdos alheios ao objeto de estudo.

A coleta de dados ocorreu por meio de um instrumento estruturado que contemplou as seguintes variáveis: ano de publicação, localização da obra, título do capítulo, autoria, formação profissional do autor, síntese da trajetória do autor e resumo do capítulo. Os dados extraídos foram organizados cronologicamente em planilha do *software* Microsoft Excel®.

A análise do *corpus* documental iniciou-se com uma leitura exploratória, visando à apreensão do panorama geral das obras sob a premissa de que são fontes históricas capazes de viabilizar a reconstrução de narrativas e interpretações sobre os fatos⁽¹⁰⁾. Em seguida, preencheu-se uma matriz de extração e tabulação com base no texto de cada capítulo. Após o mapeamento, os dados foram submetidos à análise comparativa e discutidos pelos pesquisadores, considerando a evolução cronológica das fontes e confrontando os achados com a literatura pertinente à história da

psiquiatria e da enfermagem, articulada à trajetória dos cuidados prestados aos psicopatas.

O estudo dispensou apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, em conformidade com a Resolução n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS)⁽¹¹⁾, por empregar exclusivamente fontes documentais históricas de domínio público, sem envolvimento direto de seres humanos.

Como limitação, o estudo apresenta a dependência do *corpus* documental disponível em hemerotecas e acervos digitais especializados, o que restringiu a análise aos exemplares localizados, preservados e acessíveis durante o período de coleta. Ademais, a investigação ateu-se ao discurso prescritivo do *Manual*, sem mensurar a receptividade ou a aplicação prática dessas diretrizes pelos enfermeiros no cotidiano dos manicômios — restrição inerente à natureza da fonte que aponta para a necessidade de investigações futuras. Não obstante, o estudo manteve o rigor analítico e a coerência metodológica ao priorizar o conjunto documental efetivamente recuperado, atendendo integralmente aos objetivos propostos.

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta nove capítulos e seus respectivos autores. Verificou-se que oito capítulos (88,8%) foram elaborados por autores do sexo masculino e apenas um (11,2%) por autora do sexo feminino, sem repetição na autoria.

Tabela 1 – Capítulos do Manual para Enfermeiros de Psicopatas. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2026

Nº	Ano	Edição	Nome do capítulo	Autoria
1	1932	01	Enfermagem no Tratamento das Neuroses ⁽¹²⁾	Prof. Dr. Julio Pires Porto-Carrero
2	1932	02	Assistencia aos Psychopaths Delinquentes: Instruções, conselhos e advertencias aos enfermeiros dos manicomios judiciarios ⁽¹³⁾	Dr. Heitor Pereira Carrilho
3	1933	01	Semiologia Nervosa para Enfermeiros ⁽¹⁴⁾	Prof.º Faustino Monteiro Esposel
4	1933	02	Qualidades Necessárias a um enfermeiro de Psychopaths ⁽¹⁵⁾	Prof.º Juliano Moreira
5	1933	03	Como Assistir Doentes Mentaes Agitados ⁽¹⁶⁾	Dr. Odilon Gallotti
6	1933	04	A Enfermagem dos toxicomanos ⁽¹⁷⁾	Dr. Pedro José de Oliveira Pernambuco Filho
7	1934	01	Enfermagem cirúrgica dos Alienados ⁽¹⁸⁾	Dr. Oscar Ramos
8	1934	02	A Enfermagem Gynecologica das Alienadas ⁽¹⁹⁾	Dra. Juana Mancusi de Lopes
9	1935	01-02-03	Noções sobre etiologia das doenças mentaes para um curso de enfermagem ⁽²⁰⁾	Dr. Januario Bittencourt

Fonte: adaptado de ABHM, 1932.

Nota: Cabe ressaltar que os nomes dos capítulos preservaram a grafia original que constam nas publicações dos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental.

A produção concentrou-se no biênio 1933-1934, com seis das nove publicações, apresentando declínio em 1935, ano em que a circulação dos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* foi interrompida. Os capítulos iniciais abordavam temáticas clínicas e generalistas; contudo, com o avanço da obra, os escritos passaram a apresentar maior especificidade, sugerindo uma transição do macro para o micro. Todos os autores possuíam formação em medicina e atuavam na assistência psiquiátrica ou no ensino voltado à

formação de médicos, enfermeiros e profissionais de áreas afins.

DISCUSSÃO

O manual no contexto das disputas profissionais pela enfermagem

No período de 1890 a 1935, foram criadas diversas instituições brasileiras dedicadas ao ensino da enfermagem,

totalizando cinco no Rio de Janeiro, seis em São Paulo e duas na Bahia⁽²¹⁻²²⁾. A década de 1920 caracterizou-se pela forte influência do sanitarismo sob o modelo norte-americano, subvencionado pela Fundação Rockefeller. Tal modelo, adaptado do padrão nightingaleano, não visava precipuamente à assistência aos doentes mentais, mas à saúde pública. Não obstante, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE) manteve-se vinculada ao Hospital Nacional de Alienados (HNA), contando em seu corpo docente com expoentes da psiquiatria e membros da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), a exemplo de Ernani Lopes, Gustavo Riedel e Oscar Ramos⁽²³⁾.

Paralelamente, a década de 1920 presenciou disputas no campo médico. De um lado, posicionava-se o grupo dos sanitaristas alinhado à enfermeira norte-americana Ethel Parsons — superintendente do Departamento Nacional de Saúde Pública —, vinculada à instituição de ensino de enfermagem homônima; de outro, situavam-se os psiquiatras, que buscavam imprimir um *modus operandi* na formação de enfermagem com ênfase na psiquiatria, envolvendo debates sobre o gênero ideal para a prestação dos cuidados⁽²⁴⁾.

Cabe destacar que a promulgação do Decreto n.º 20.109/1931 alterou a denominação da antiga Escola de Enfermeiras do Departamento de Saúde Pública para Escola de Enfermeiras Anna Nery, oficializando-a como modelo padrão de ensino para a enfermagem brasileira — fundamentado no modelo norte-americano. Em contrapartida, a EPEE (atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto) jamais obteve essa equiparação, por seguir a influência do modelo francogermânico.

O manual como instrumento disciplinador eugenista

Sob a perspectiva do conteúdo do *Manual para Enfermeiros de Psicopatas*, elaborado pela LBHM, identificam-se indícios de que esta tenha sido a primeira obra brasileira direcionada aos enfermeiros de psicopatas produzida por uma instituição, premissa balizada pela existência de produções individuais à época⁽²⁵⁻²⁸⁾.

Diferentemente dessas obras anteriores, que possuíam autoria única, o compêndio da Liga contou com a colaboração de nove especialistas. Tal pluralidade revela múltiplos olhares, inclusive sob a perspectiva de gênero — composto por oito homens e uma mulher —, oriundos das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), Fluminense de Medicina (FFM) e de Direito do Rio de Janeiro, além da Escola Normalista e da EPEE, com a finalidade de inculcar a cultura do cuidado voltada ao manejo dos psicopatas.

Os capítulos publicados no periódico da Liga desfrutavam da credibilidade de um veículo doutrinário a serviço da higiene mental e da eugenia⁽²⁹⁾. Seus autores idealizavam conceitos direcionados ao domínio das esferas individual, escolar, profissional e social. Isso exigia a difusão de normas de higiene neuropsíquica junto às classes populares, promovendo a circularidade cultural dos saberes — conforme apresentado no primeiro número do periódico (1925) —, a qual visava à moralização em prol de uma visão universal de futuro⁽³⁰⁾.

As investigações do período abordavam temas como criminalidade, psicofisiologia, hipocondria, sexualidade, educação física e moral, higiene mental, histeria e outros do-

mínios da psiquiatria e da medicina social. Tais disciplinas eram reconhecidas como saberes psicológicos aplicados à assistência psiquiátrica, capazes de delimitar a normalidade e a anormalidade nas distintas condições sociais⁽²⁸⁾. Assim, a invenção das normas atendia aos interesses do campo psiquiátrico sob o discurso de aprimoramento dos cuidados, visando, especialmente, à prevenção de reinternações^(28,30).

Dessa forma, a higiene mental e a eugenia, de forma articulada, deveriam transmitir sua mensagem aos leitores e, sobretudo, aos profissionais de enfermagem encarregados da assistência aos psicopatas. O objetivo central era inculcar comportamentos socioculturais que reconfigurassem o cuidado nas instituições asilares, como hospícios e manicômios. A própria acepção do termo "manual" alinha-se à concepção de Collière⁽³¹⁾ referente à inculcação de comportamentos ou adestramento. Disso se infere que a Liga pretendia internalizar valores, crenças, normas, costumes e condutas, resultando em um processo de endoculturação⁽³²⁾ para a atuação no cenário psiquiátrico.

Análise dos capítulos

Por tratar-se de uma obra publicada em partes no periódico da LBHM, ressalta-se que o último capítulo coincidiu com o início de uma das interrupções nas divulgações dos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* (ABHM), cuja circulação foi retomada em 1938, sob a direção de Henrique Roxo⁽³³⁾.

O primeiro capítulo, de autoria de Julio Pires Porto-Carrero — vice-diretor da LBHM e precursor da psicanálise no Brasil —, abordou as neuroses mentais. O autor correlacionou as noções de angústia, impulso, ideia e ato para explicar as neuroses, conceituadas como afecções decorrentes de comportamentos anormais, motivadas por ideias penosas, irrealis ou absurdas, nas quais o indivíduo preserva a inteligência e a orientação, sem a presença de delírios. Ademais, descreveu as abordagens terapêuticas sintomática, física e psíquica, definindo o enfermeiro como um auxiliar precioso nas condutas médicas⁽¹²⁾.

A discussão sobre o papel do enfermeiro na prestação do tratamento/cuidado remete à preferência do perfil feminino em detrimento do masculino, exceto no campo psiquiátrico. A imagem profissional idealizada ancorava-se em atributos tidos como inerentes à natureza feminina — dócil, materna e educada — para a atuação hospitalar geral, conforme debatido nos Congressos Médicos Latino-Americanos (1904 a 1909), contrapondo-se às exigências da atuação em hospícios e manicômios⁽³⁴⁾.

A arena de debates nesses congressos foi palco de controvérsias acerca do gênero mais apto ao cuidado dos psicopatas, refletindo grupos com interesses distintos⁽³⁴⁻³⁷⁾. De um lado, defendia-se a formação exclusivamente feminina nos moldes nightingaleanos, sob a liderança da médica argentina Cecilia Grierson; de outro, Juliano Moreira — diretor do HNA — advogava em favor de ambos os gêneros, destacando a indispensabilidade do homem na assistência psiquiátrica, com base em experiências de instituições asilares da Alemanha, Escócia, Suíça, Bélgica e Holanda. Um terceiro grupo buscava conciliar as vertentes, condicionando a escolha ao espaço de atuação profissional⁽³⁴⁻³⁷⁾.

No capítulo subsequente, Heitor Pereira Carrilho abordou o ambiente do Manicômio Judiciário. Destinadas aos chamados psicopatas delinquentes, essas instituições eram descritas por Carrilho como órgãos de defesa social atuantes no tratamento da delinquência por meio de prescrições terapêuticas e da segregação social⁽¹²⁾. A primeira unidade brasileira foi criada em 1921, no Rio de Janeiro, em substituição à Seção Lombroso do HNA, sob a direção do próprio autor, que então chefiava o Serviço de Alienados Delinquentes do Distrito Federal⁽³⁸⁾.

Para Carrilho, o enfermeiro do manicômio judiciário deveria possuir conhecimentos sobre a psicologia dos pacientes sob sua supervisão, além de compaixão e piedade para elevar o moral dos internados. O texto categorizava os psicopatas em amorais constitucionais, parafrênicos, esquizofrênicos, maníacos, alcoolistas, entre outros, para orientar a equipe. Destaca-se o alerta do autor para que o enfermeiro se precavesse contra eventuais reações dos enfermos, como evasões, agressões, porte de armas improvisadas, motins, suicídios, práticas homossexuais, além da saída e do recebimento fraudulento de correspondências⁽¹³⁾.

A menção aos sentimentos de compaixão e piedade remete às duas estátuas de mármore localizadas nas escadarias do antigo HNA (atual *campus* da Praia Vermelha da Universidade Federal do Rio de Janeiro). A primeira, intitulada "Ciência", simbolizava o saber científico, o ensino superior e a cultura acadêmica; a segunda, intitulada "Caridade educadora" (de autoria de Ferdinand Pettrich, em meados do século XIX, inspirada em Lorenzo Bartolini), aludia à piedade para com os enfermos⁽³⁹⁾.

Esses elementos configuram marcas simbólicas que transcendem o sentido atribuído ao longo do tempo. Compreendem-se como expressão do paradigma indiciário⁽⁸⁾, no qual o registro iconográfico atua como mensagem passível de articulação com os atributos citados no capítulo de Carrilho na década de 1930, constituindo uma estratégia de "fazer crer e ver"⁽⁴⁰⁾ e de lembrar aos funcionários os princípios norteadores de suas ações.

O terceiro capítulo, de autoria de Faustino Esposel, foi publicado postumamente⁽¹³⁾. Catedrático de neurologia na FFM⁽⁴¹⁾ e docente de higiene da Escola Normal, Esposel ocupou na LBHM os cargos de presidente interino, vice-presidente, membro do conselho executivo e integrante da 6ª Seção de Estudos (relativa ao ensino e à vulgarização da neuropsiquiatria)⁽⁴²⁾.

Seu escrito apresenta noções de semiologia nervosa, abordando a anamnese e o exame físico de forma objetiva, com ênfase na fisiologia, na neurologia e na motricidade. O autor defende a figura da enfermeira, em detrimento do enfermeiro, por considerá-la mais bem preparada para a coleta de informações do paciente destinadas ao médico, atuando como sua auxiliar⁽¹⁴⁾. Tal posicionamento evidencia uma divisão social do trabalho pautada no gênero, cabendo à mulher o trabalho "leve" e administrativo (semelhante ao de uma secretária) e, ao homem, o cuidado "braçal", focado em demandas de força física.

A preocupação doutrinária assentada na fisiologia, na neurologia e na motricidade remete às obras *O Livro do enfermeiro e da enfermeira*⁽²⁶⁾ e *Curso de enfermeiros*⁽²⁷⁾, que apresentavam conteúdos semelhantes. Destaca-se que o autor da segunda obra estagiou na Europa e elaborou

o relatório "Uma viagem à Europa"⁽⁴³⁾, descrevendo a assistência em instituições da França, Inglaterra e Alemanha. Infere-se que a LBHM buscava delimitar seu espaço no campo psiquiátrico e ratificar conhecimentos teóricos alinhados aos seus interesses institucionais.

O capítulo de Juliano Moreira — presidente de honra da LBHM⁽⁴²⁾ e patrono da Clínica de Eufrenia⁽⁴⁴⁾ — também foi publicado postumamente⁽¹⁵⁾. Divulgador da psicanálise⁽⁴⁵⁾ e figura de proeminência na psiquiatria brasileira⁽⁴⁶⁾, seu texto faz referência às ideias do médico belga Jules Morel, autor de *Manuel des gardes-malades dans les hôpitaux pour maladies mentales* (1907)⁽¹⁵⁾. Moreira resgata os atributos necessários ao enfermeiro e aos chamados "guardas de doentes" (*gardes-malades*), afirmando que o enfermeiro deveria cumprir as ordens médicas com submissão e subserviência⁽²⁴⁾.

O termo "guarda", empregado por Moreira com base em Morel, relaciona-se à função de vigilância como componente da arte de enfermagem da época, cabendo a esse profissional garantir a tranquilidade e a segurança do ambiente asilar, a exemplo das práticas adotadas na Europa⁽⁴⁷⁾.

Por outro lado, a conduta de alguns profissionais descambava para a brutalidade, como retratado no caso de um enfermeiro-chefe do Instituto Raul Soares (MG) — praticante de boxe e de porte físico robusto —, que recorria ao uso agressivo da força, resultando na sua demissão e na de seus pares pelo dirigente Hermelino Lopes Rodrigues⁽⁴⁸⁾. Esse episódio reforça a simbologia das estátuas do antigo Hospício Nacional (Ciência e Caridade) como balizas de conduta. O *Manual*, portanto, não preconizava a violência, mas sim atributos pautados na ciência e na caridade, os quais, por sua vez, podiam colocar em risco a performance masculina tida à época como "adamada"⁽⁴⁹⁾.

O quinto capítulo aborda a assistência ao psicopata agitado⁽¹⁶⁾, sob a autoria de Odilon Gallotti, membro da 6ª Seção de Estudos da LBHM e docente da FMRJ e da EPEE⁽⁴²⁾. O autor prescreve que o enfermeiro deveria reportar as intercorrências ao médico para a definição da conduta terapêutica: clinoterapia, hidroterapia, farmacoterapia calmante e isolamento⁽¹⁶⁾.

Na obra de Adolpho Possollo⁽²⁷⁾, explicitamente vinculada ao programa da EPEE, a hidroterapia é detalhada no capítulo "Cuidados especiais a certa categoria de enfermos e balneoterapia", que contemplava banhos de imersão, duchas (frias, em colunas, circulares, de jato móvel, escocesas e a vapor) e banhos românicos, a vapor e russos. Além disso, Possollo ensinava técnicas para conter o paciente agitado, utilizando ilustrações para facilitar a execução das manobras.

Embora a obra de Possollo⁽²⁷⁾ fosse voltada à enfermagem geral, abordava em diversos momentos a assistência aos psicopatas, visto que a EPEE formava profissionais para hospitais civis, militares, hospícios e manicômios (conforme o Decreto n.º 791/1890), diferenciando-se da proposta do *Manual* da LBHM.

O sexto capítulo foi redigido por Pedro Pernambuco Filho, superintendente de higiene escolar e membro da 2ª Seção de Estudos da LBHM. O autor dedicou-se ao cuidado dos usuários de substâncias psicoativas — denominados toxicômanos — e reiterou os atributos morais exigidos do enfermeiro: solicitude, bondade, compreensão, vigilância,

paciência e correção de linguagem⁽¹⁷⁾.

A reiteração dos atributos morais nos textos sinaliza a necessidade de coibir o uso da força física e condutas violentas que depreciavam a imagem da assistência. Reitera-se que os debates sobre a presença masculina na enfermagem nos Congressos Médicos Latino-Americanos condicionavam a aceitação dos homens a um perfil associado a traços femininos ("adameados"), desde que desprovidos de autoridade ou cargos administrativos⁽²²⁾.

O sétimo capítulo, de autoria do cirurgião e membro da 11ª Seção de Estudos da LBHM⁽⁴²⁾, Oscar Ramos, aborda a atuação cirúrgica⁽¹⁸⁾. O autor apresenta a cirurgia como campo complexo, exigindo do enfermeiro conhecimentos para a prestação de cuidados específicos, desde o preparo do ambiente e do paciente até o exame físico, realização de curativos e procedimentos afins.

A assistência pré, trans e pós-operatória era essencial, visto que os pacientes psiquiátricos também demandavam intervenções cirúrgicas em decorrência de agravos físicos. Embora obras como as de Getúlio dos Santos⁽²⁶⁾, Adolpho Possollo⁽²⁷⁾ e das enfermeiras Maxwell e Pope^(50,51) tratassem do tema, a LBHM buscava delimitar seu campo de atuação, argumentando a especificidade do cuidado prestado aos internos das instituições psiquiátricas.

Por sua vez, o oitavo capítulo, escrito pela médica argentina Juana Mancusi de Lopes — cirurgiã-ginecologista da seção feminina do HNP e integrante da 11ª Seção de Estudos da LBHM —, aborda exclusivamente a mulher psiquiatrizada e os aspectos ginecológicos no contexto da internação⁽¹⁹⁾. A autora detalha sinais e sintomas que demandavam atenção da enfermagem, tais como corrimento, odor, prurido e presença de corpos estranhos, além de fornecer orientações sobre exames, psicoterapia e período menstrual.

Trata-se do único capítulo da obra a focalizar exclusivamente a figura feminina, seja na condição de enfermeira ou de paciente. Tal particularidade explica-se não apenas por ser a autora a única mulher entre os colaboradores e por sua especialidade médica, mas também pelo seu alinhamento à corrente que defendia a enfermagem como campo estritamente feminino⁽²¹⁾. Ademais, cabe considerar que o corpo feminino é historicamente marcado por tabus e assimetrias de gênero que, à época, fundamentavam o controle sobre os corpos e delimitavam quem poderia prestar esse cuidado⁽⁵²⁾.

A abordagem do corpo remete a aspectos do ensino de enfermagem, como a constatação de censura na reedição (1938) da obra de Possollo (original de 1920), na qual se identificou a remoção de ilustrações relativas ao cateterismo masculino e às técnicas de curativo na bolsa escrotal⁽⁵³⁾.

A preservação da ordem moral na época impunha restrições ao contato de profissionais com corpos do sexo oposto, como salvaguarda dos bons costumes. Nesse sentido, Lopes⁽¹⁹⁾ enfatizava que, na clínica gineco-obstétrica, os enfermeiros do sexo masculino não deveriam ter acesso a queixas, informações ou exames relativos aos órgãos genitais femininos.

Por fim, o médico Januário Bittencourt — adjunto da assistência a psicopatas e membro das comissões antialcoó-

licas da LBHM — assina o capítulo "*Noções sobre etiologia das doenças mentais para um curso de enfermagem*"⁽²⁰⁾, no qual detalha os fatores etiológicos dos transtornos mentais. O texto evidencia que a enfermagem constituía o público-alvo do *Manual*, embora a flexão de gênero no texto permanecesse predominantemente no masculino.

Em síntese, o *Manual para Enfermeiros de Psicopatas* configurou-se como ferramenta de reafirmação do projeto social da higiene mental e da eugenia, alinhado aos preceitos de eficiência, racionalização e controle social⁽⁵⁴⁾ na assistência aos pacientes psiquiátricos.

CONCLUSÃO

O estudo analisou o conteúdo da obra com ênfase no papel dos profissionais de enfermagem como agentes estratégicos para o estabelecimento da classe médica no campo psiquiátrico, em prol da higiene mental e da eugenia, explicitando a forma como os enfermeiros foram instrumentalizados pela elite psiquiátrica para a consolidação de um projeto social eugenista e higienista.

A análise do *corpus* documental evidenciou três achados principais: primeiro, o *Manual* constituiu a primeira obra institucional brasileira voltada especificamente à enfermagem psiquiátrica, articulando prescrições técnicas a um projeto amplo de regeneração social; segundo, a obra reflete a disputa no campo da saúde entre os modelos sanitaria e psiquiátrico, no qual a LBHM utilizou a enfermagem como instrumento de demarcação de território profissional; terceiro, a publicação veiculava um *ethos* profissional alicerçado em atributos como submissão, vigilância, compaixão e paciência, moldando o perfil do enfermeiro para atender às demandas do regime manicomial.

Ao tomar o *Manual* como fonte histórica, esta pesquisa contribui para a historiografia da enfermagem ao desvelar os mecanismos de disciplina e endoculturação mediante os quais a profissão foi moldada para atender aos interesses da elite médica. Evidencia-se que os manuais, para além de prescrições técnicas, atuam como veículos de projetos sociopolíticos, sendo fundamentais para a compreensão das relações de poder que estruturavam a assistência psiquiátrica no Brasil da primeira metade do século XX e que ajudam a fundamentar a reflexão sobre as hierarquias profissionais no cuidado contemporâneo em saúde mental.

Como limitação do estudo, destaca-se a impossibilidade de verificar a recepção do *Manual* no cotidiano dos manicômios, o que aponta para a necessidade de pesquisas futuras que confrontem o discurso prescritivo com a prática assistencial efetiva. Ademais, a análise centrada no conteúdo documental, sem explorar a circulação e a apropriação dessas diretrizes entre os profissionais da época, abre margem para novas investigações no campo da história da enfermagem psiquiátrica.

Investigar documentos históricos como os manuais permite desvelar a engrenagem da assistência para além da dimensão técnica, isto é, revelando a mentalidade cultural então instituída. Trata-se de uma oportunidade de reconstruir versões e interpretações do legado histórico, convidando à reflexão sobre as práticas assistenciais contemporâneas e à ressignificação do campo historiográfico.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Sr. Caio Luiz Rosário de Assis e ao Laboratório de História da Enfermagem, Cuidado e Imagem (LACUIDEN) pela colaboração na fase de interpretação dos dados. Além disso, agradecemos ao Centro de Documentação e Memória do Instituto Municipal Nise da Silveira no apoio com documentações históricas.

REFERÊNCIAS

1. Macario BC, Borba VMR. Degeneração e eugenia nos discursos do I Congresso Médico de Pernambuco (1909). *Hist Unicap*. 2021;8(16):271-280. <https://doi.org/10.25247/hu.2021.v8n16.p271-280>.
2. Stárel L, Klugerová J, Chrzová D, Roubalová AZ. Educational and ethical perspectives on eugenics: Impacts on individuals with disabilities from 19th to mid-20th century. *Polit Gest Educ*. 2025;29(esp1):e025041. <https://doi.org/10.22633/rpge.v29iesp1.20476>.
3. Wegner R, Souza WS. Eugenia 'negativa', psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *Hist Cienc saúde-Manguinhos*. 2013;20(1):263-88. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702013005000001>. PMID: 23429742.
4. Tamano LTO. A campanha antialcóolica da Liga Brasileira de Higiene Mental. *Rev Hist (São Paulo)*. 2022;(181):a09621. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2022.189965>.
5. Lopes E. Acta da Sessão do Conselho Executivo realizada em 14 de Fevereiro de 1925. *Arq Bras Hig Ment [Internet]*. 1925 [citado 2026 Abr 22];1(1):209-216. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=160369&pesq=%22Estatutos%22&pagfis=206>.
6. Lopes E. Estatutos da Liga Brasileira de Hygiene Mental. *Arq Bras Hig Ment [Internet]*. 1929 [citado 2026 Abr 22];2(1):39-47. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=160369&pesq=%22Estatutos%22&pagfis=464>.
7. Liga Brasileira de Higiene Mental. Reunião da Secção de Assistência Hospitalar aos Psychopathas. *Arq Bras Hig Ment [Internet]*. 1930 [citado 2026 Abr 22];3(5):189-190. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=160369&pesq=%22Estatutos%22&pagfis=821>.
8. Ginzburg C. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras; 1989.
9. Barros JA. O campo da história: Especialidades e abordagens. 9. ed. Petrópolis: Vozes; 2013.
10. Menegucci TS, Luchesi LB, Sousa TO, Amorim WM, Marcussi E, Silva GTR. Centro Acadêmico da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto: 1953-1954. *Esc Anna Nery*. 2022;26:e20220038. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2022-0038pt>.
11. Conselho Nacional de Saúde (BR). Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados [...] [Internet]. Brasília: Conselho Nacional

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

- de Saúde; 2016 [citado 2026 Mar 25]. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>
12. Porto-Carrero JP. Enfermagem no tratamento das neuroses. *Arq Bras Hig Ment [Internet]*. 1932 [citado 2026 Mar 25];5(1):4-15. Disponível em: <https://cch.uem.br/grupos-de-pesquisas/gephe/documentos/arquivos-brasileiros-de-higiene-mental-abhm/ano-5-numero-1-janeiro-setembro-1932.pdf>.
13. Carrilho HP. Assistência aos Psychopathas Delinquentes: Instruções, conselhos e advertências aos enfermeiros dos manicômios judiciais. *Arq Bras Hig Ment [Internet]*. 1932 [citado 2026 Mar 25];5(2):18-28. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=160369&Pesq=%22presidente%22&pagfis=1187>.
14. Esposel FM. Semiologia Nervosa para Enfermeiros. *Arq Bras Hig Ment [Internet]*. 1933 [citado 2026 Mar 25];6(1):18-28. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=160369&Pesq=%22presidente%22&pagfis=1400>.
15. Moreira J. Qualidades Necessárias a um enfermeiro de Psychopathas. *Arq Bras Hig Ment [Internet]*. 1933 [citado 2026 Mar 25];6(2):81-86. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=160369&Pesq=%22presidente%22&pagfis=1483>.
16. Gallotti O. Como Assistir Doentes Mentaes Agitados. *Arq Bras Hig Ment [Internet]*. 1933 [citado 2026 Mar 25];6(3):206-212. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=160369&Pesq=%22presidente%22&pagfis=1613>.
17. Pernambuco Filho PJO. A enfermagem dos toxicomanos. *Arq Bras Hig Ment [Internet]*. 1933 [citado 2026 Mar 25];6(4):290-294. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=160369&Pesq=%22presidente%22&pagfis=1701>.
18. Ramos O. Enfermagem cirúrgica dos alienados. *Arq Bras Hig Ment [Internet]*. 1934 [citado 2026 Mar 25];7(1):27-31. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=160369&Pesq=%22presidente%22&pagfis=1839>.
19. Lopes JM. A enfermagem gynecologica das alienadas. *Arq Bras Hig Ment Mental [Internet]*. 1934 [citado 2026 Mar 25];7(2):124-129. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=160369&Pesq=%22presidente%22&pagfis=1955>.
20. Bittencourt J. Noções sobre etiologia das doenças

- mentaes para um curso de enfermagem. Arq Bras Hig Ment Mental [Internet]. 1935 [citado 2026 Mar 25];8(1-2-3):38-50. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=160369&Pesq=%22presidente%22&pagfis=2282>.
21. Mancusi JC. Asistencia de enfermos: preparaci3n de enfermeros [doctorial tesis]. Buenos Aires: Universidade Nacional de Buenos Aires; 1917.
22. Porto F. Cindereliza33o: de camareiros a enfermeiros/as (1890-1931) [tese de doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; 2024.
23. Silva Junior OC da, Moreira A, Amorim W, Porto F. A enfermagem psiqui3trica e a enfermagem moderna no Rio de Janeiro: uma li33o da hist3ria. Rev Bras Enferm. 2001;54(2):229-36. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672001000200008>.
24. Amorim WM, Barreira IA. As circunst3ncias do processo de reconfigura33o da escola profissional de assist3ncia a psicopatas do Distrito Federal. Esc Anna Nery. 2006;10(2):195-203. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452006000200005>.
25. Cruz Vermelha Brasileira. Li333es ao curso pr3tico para as Damas enfermeiras volunt3rias. vol. 2. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio Rodrigues & Companhia; 1915.
26. Santos GF. O Livro do enfermeiro e da enfermeira para uso das pessoas que se destinam 3 profiss3o de enfermeiro e das pessoas que cuidam de enfermos. 3. ed. Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Com3rcio; 1928.
27. Possolo A. Curso de Enfermeiros. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo; 1920.
28. Polubriaginof C, Campos PFS. Psychiatric nursing: analysis of the Manual Cuidados aos Psychopathas. Rev Enf Ref. 2016;4(9):125-132. <http://dx.doi.org/10.12707/RIV15056>.
29. Caldas M. Os Archivos Brasileiros de Hygiene Mental. Arq Bras Hig Ment. 1929 [citado 2026 Maio 02];(3):1-2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=160369&Pesq=%22Liga%22&pagfis=426>.
30. Nascimento FAF, Mandelbaum BPH. A inven33o da norma: a psicologia na Liga Brasileira de Hygiene Mental. Hist Ci3nc sa3de-Manguinhos. 2020;27(4):1149-1167. <https://doi.org/10.1590/S0104-5970202000050007>. PMID: 33338181.
31. Colli3re MF. Cuidar. . . A primeira arte da vida. Loures: Lusoci3ncia; 2003.
32. Laraia RB. Cultura: um conceito antropol3gico. Rio de Janeiro: Zahar; 1986.
33. Liga Brasileira de Hygiene Mental. Arq Bras Hig Ment [Internet]. 1938 [citado 2026 Abr 29];9(1). Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=160369&pesq=%22Estatutos%22&pagfis=2445>.
34. Nascimento FT, Amorim W. Os congressos m3dicos latino-americano e a enfermagem (1904-1907). In: Porto F, Amorim W, editors. Hist3ria da enfermagem – identidade, profissionaliza33o e s3mbolos. S3o Caetano: Yendis; 2013. p. 87-110.
35. Almeida M. Das Cordilheiras dos Andes 3 Isla de Cuba, passando pelo Brasil: Os Congressos M3dicos Latino-Americanos e Brasileiros (1888-1929) [tese de doutorado na Internet]. S3o Paulo: Universidade de S3o Paulo; 2003 [citado 2026 Abr 29]. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20092022-081840/pt-br.html>
36. Moreira A, Oguisso T. Profissionaliza33o da enfermagem brasileira. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.
37. Lima RJ de O. Primeiro curr3culo das escolas modelo refer3ncia na forma33o de enfermeiros no Brasil e na Argentina [tese de doutorado na Internet]. S3o Paulo: Universidade Federal de S3o Paulo; 2015 [citado 2026 Abr 29]. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/6244238f-9cca-45dd-90e8-a45d681a4351>
38. Bagatin TS, Boarini ML. Centen3rio do Manic3mio Judici3rio: qual 3 o balan3o social? Rev Latinoam Psicopatol Fundam. 2024;27(e230645):1-23. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.e230645>.
39. Chill3n AM. A escultura e seu of3cio no Brasil do Segundo Reinado (1840-1889) [tese de doutorado na Internet]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2017 [citado 2026 Abr 29]. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/7393>
40. Bourdieu P. O poder simb3lico. Coimbra: Edi333es 70; 2021.
41. Novis LE, Maranh3o Filho PA, Pires MEP, Spitz M. Professor Faustino Esposel: Neurology, football and spiritualism. Arq Neuro-Psiquiatr. 2021;79(9):848-850. <https://doi.org/10.1590/0004-282X-ANP-2021-0013>. PMID: 34133502.
42. Liga Brasileira de Hygiene Mental. Rela33o dos presidentes de honra e membros titulares da L. Brasileira de Hygiene Mental. Arq Bras Hig Ment [Internet]. 1929 [citado 2026 Abr 28];2(1):48-56. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=160369&pesq=%22Estatutos%22&pagfis=473>.
43. Possolo A. Uma viagem 3 Europa. Rio de Janeiro: Rebello Braga; 1907.
44. Liga Brasileira de Hygiene Mental. Clinica de Euphrenia. Arq Bras Hig Ment [Internet]. 1932 [citado 2026 Abr 28];5(2):64-99. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=160369&pesq=%22Estatutos%22&pagfis=1242>.
45. Facchinetti C, Mun3z PFN. Emil Kraepelin na ci3ncia psiqui3trica do Rio de Janeiro, 1903-1933. Hist Ci3nc sa3de-Manguinhos. 2013;20(1). <https://doi.org/10.1590/S0104-59702013000100013>. PMID: 23559054.
46. Caldas M. A Hygiene Mental no Brasil. Arq Bras Hig Ment [Internet]. 1930 [citado 2026 Abr 28];3(3):69-77. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=160369&pesq=%22Estatutos%22&pagfis=691>.
47. Silva AI. A arte de enfermeiro na Escola de Enfermagem Dr. 3ngelo da Fonseca [Internet]. Coimbra: Universidade de Coimbra; 2008 [citado 2026 Abr 28]. Disponível em: <https://v1.ucdighis.uc.pt/pombalina/item/56822>. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0318-6>
48. Silveira RD. A correspond3ncia entre Juliano Moreira e Hermelino Lopes Rodrigues: as rela333es de um mestre

- e seu discípulo na constituição do campo psiquiátrico em Minas Gerais. *Rev Lat-Am Psicopatol Fundam.* 2008;11(2):315-328. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000200015>.
49. Melo VA de. Novas performances públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX). In: Priore MD, Amantino M, editores. *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Unesp; 2013. p. 119-152.
50. Maxwell AC, Pope AE. *A Text-Book for Nurses*. 3rd ed. Londres: G. P. Putnam's Sons; 1914.
51. Maxwell AC, Pope AE. *Asistencia Práctica de Enfermos*. Londres: G. P. Putnam's Sons; 1919.
52. Mohd NF, Haque M. *Forbidden Conversations: A Comprehensive Exploration of Taboos in Sexual and Reproductive Health*. *Cureus*. 2024;16(8). <https://doi.org/10.7759/cureus.66723>. PMID: 39139803.
53. Amorim WM, Porto F, Machado WCA, Silva Junior OC, Moreira A. O corpo na história. In: Figueiredo NMA, Machado W, editores. *Corpo & Saúde: condutas clínicas de cuidar*. Rio de Janeiro: Águia Dourada; 2009. p. 67-108.
54. Costa MM. A Era Vargas e suas consequências no Direito Administrativo brasileiro. *Rev. AGU*. 2023;22(02):189-214. <https://doi.org/10.25109/2525-328X.v.22.n.02.2023.2780>.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção do estudo: Brandão JL, Porto F.

Obtenção de dados: Brandão JL.

Análise de dados: Brandão JL, Faria VG, Labriola C, Porto F.

Interpretação dos dados: Brandão JL, Faria VG, Vernaglia TVC, Castro Mollina FJ, Labriola C, Porto F.

Todos os autores se responsabilizam pela redação textual e revisão crítica do conteúdo intelectual, pela versão final publicada e por todos os aspectos éticos, legais e científicos relacionados à exatidão e à integridade do estudo.



Copyright © 2026 Online Brazilian Journal of Nursing

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.